

Teologia das Religiões



Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marçal Ribeiro
(Organizadores)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marcal Ribeiro
(Organizadores)

Teologia das Religiões

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T314 Teologia das religiões [recurso eletrônico] / Organizadores Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marcal Ribeiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-068-1

DOI 10.22533/at.ed.681192401

1. Religião. 2. Teologia – Estudo e ensino. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Ribeiro, Paulo Rennes Marcal.

CDD 200.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Sonhos se constroem com várias mãos”. Assim nasceu esse trabalho. Assim nascem os projetos de Solange Monteiro e Paulo Rennes. Assim se fertilizam em nós os seus sonhos. Assim se tecem as malhas de que é composto este todo universo da Diversidade. As questões que nos inquietam, os dilemas que nos afligem, os paradigmas que nos desafiam em práticas acadêmicas, docentes, constantes, se imbricam no amálgama pulsante desta obra que visa, acima de tudo, “desacomodar”. Pois que tudo que pulsa é vivo, está imerso na dinâmica do que se transforma, no impulso do que se recria, na ânsia do que se reinventa. Esta a matéria de que se alimenta essa reunião de pensamentos, essas vozes que se encontram, esses fios que se comungam em discussões teóricas. Desacomodar diante de tudo que não é “deslimite”, como diria Manoel de Barros. Trazer ao centro das discussões tudo que possa ter ficado à margem, de alguma forma. Questões relativas à religião, identidade, cultura, formação, representatividade, alienação, persuasão, silenciamento, subalternidade, apropriação, resistência. Assim é que o primeiro artigo deste livro, de autoria Edson Munck Junior Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora **“Vim para sofrer as influências do tempo / E para afirmar o princípio eterno de onde vim”**: a resignificação do sagrado em Murilo Mendes. O objetivo do trabalho é o de contribuir para o debate pertinente a obra poética *Tempo e eternidade*, publicada por Murilo Mendes em 1935, pode ser lida como promotora de diálogo entre o modernismo e a tradição bíblico-cristã. O livro, elaborado em parceria com o poeta Jorge de Lima, tinha, em sua primeira edição, a epígrafe “restaremos a Poesia em Cristo”. No artigo **A Doutrina da Salvação no Brasil e a Violência Contra a Mulher e Os Direitos Humanos**, autora pretende demonstrar que nas matrizes mentais do pensamento vigente brasileiro existe uma influência teológica visibilizadas em imagens e em crenças, e que essas representações, além de serem extremamente violentas, revelam dois paradigmas cunhados na história do cristianismo e recriados na colonização do Brasil pela América Portuguesa. Os temas polêmicos também estão presentes no artigo, a Imprudência de Moisés, uma Reflexão a Partir de Números 20.2-13. Com o objetivo de vislumbrar qual teria sido a atitude que Moisés praticou, que o impediu de entrar na Terra Prometida de Reginaldo Pereira de Moraes Faculdades Batista do Paraná, PPG Teologia (Mestrado Profissional) Curitiba – Paraná. **No Artigo “a Influência dos Movimentos Sociais na Formação da vontade do Estado Brasileiro e na Promoção dos Direitos Humanos** das autoras de Rosângela Angelin e Maitê Alexandra Bakalarczyk Corrêa, aborda o tema *Direitos Humanos e Movimentos Sociais no Brasil*, tendo como parâmetro indagar acerca da influência dos movimentos sociais na formação da vontade do Estado brasileiro e na consequente promoção dos direitos humanos. **No artigo A questão Fenomênica da Morte e a Possibilidade de uma Fenomenologia do Morrer nas Ciências das Religiões** de autoria de Ana Cândida Vieira Henriques, a autora pretende expor os

diferentes conceitos de morte, visto que o termo se reveste de vários significados, com o intuito de que essa distinção possa nos fornecer subsídios suficientes para pensar numa fenomenologia do morrer no âmbito das Ciências das Religiões. Arraias – TO e a Festa de Nossa Senhora das Candeias: Aspectos Histórico-Devocionais de autoria de Joaquim Francisco Batista Resende, descreve a história da cidade e sua correlação com a vivência da fé cristã a partir desse festejo. Relatar-se-á historicamente a devoção, numa retrospectiva dentro da história da Igreja do Brasil e sua inserção na vida da comunidade. No artigo **Campanhas da Fraternidade Ecumênicas: Espaço para a Convivência Ecumênica de Crianças, Adolescentes e Jovens** dos autores Luís Felipe Lobão de Souza Macário CEM Joana Benedicta Rangel / CE Elisiário Matta Maricá/RJ, sobre as campanhas da fraternidade ecumênicas realizadas nos anos de 2000, 2005 e 2010, utilizando como principais fontes de pesquisa seus respectivos manuais para, através de uma leitura crítica, destacar sua origem, sua organização, seus objetivos gerais e específicos, assim como o desenvolvimento de seus temas. No artigo **Os Sentidos para Confissão Católica no Discurso do Papa Francisco**, dos autores Heitor Messias Reimão de Melo, Letícia Jovelina Storto, Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marçal Ribeiro os autores procuram analisar a ressignificação das questões doutrinárias e do sacramento da confissão, buscando (des)construir o discurso religioso. Para isso, está fundamentada em Brandão (2004), Orlandi (2015a, 2015b, 2005, 2001), Lagazzi (1988) e Chauí (1984). **Descalça-te, a Terra é Sagrada: A Hermenêutica de Luís da Câmara Cascudo Na História Bíblica Do Êxodo 3:5.** de autoria Erielton de Souza Martins, este artigo relata artigo relata sobre o gesto simples de Moisés ao retirar as sandálias para adentrar num lugar sagrado, sinal este que perdura em algumas culturas há milênios. No artigo o **Hibridismo Religioso: As Tradições Católicas, Afro-Brasileiras e o Espiritismo** de autoria de Eroflim João de Queiroz, o autor investigar nas tradições religiosas católicas e afro-brasileiras a influência do hibridismo religioso nos elementos apropriados pela doutrina Kardecista para sua configuração no Recife. No artigo **Morte e Medo: Compreendendo a Finitude Humana a Partir de Levinas**, o autor Anderson Fernando Rodrigues Mendes Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP investigar a compreensão sobre a morte na filosofia de Emmanuel Levinas (1905-1995), e suas repercussões psicológicas próprias do evento do morrer, como, por exemplo, o medo e a angústia. No artigo O Filho e o Espírito Santo, de autoria de Aurea Marin Burocchi. A autora busca realizar uma aproximação do Espírito Santo da vida cotidiana dos homens e das mulheres de hoje, favorecendo a riqueza do viver a comunhão da vida trinitária. **Morte e Medo: Compreendendo a Finitude Humana a Partir de Levinas, de autoria de** Anderson Fernando Rodrigues Mendes, que investigar a compreensão sobre a morte na filosofia de Emmanuel Levinas (1905-1995), bem como suas repercussões psicológicas próprias do evento do morrer, como, por exemplo, o medo e a angústia. No artigo **O Livro de Ester: Análise do Livro A partir da Teoria da Enunciação e Sua Contribuição para Compreensão da**

História, de autoria de João Carlos Domingues dos Santos Rodrigues, o autor busca mostrar não neutralidade a linguagem, marcada pelas influências que recebemos e por como o outro a acolhe. No artigo **Os fundamentos e missão da pastoral do meio ambiente** de autoria de Ulysses Gusman Júnior, aborda sobre o documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe apresenta-nos a necessidade do cuidado com a criação, lembrando que a criação é manifestação do amor providente de Deus.

No artigo religião e Esfera Pública: Os Riscos da Violação de Neutralidade do Estado Laico de autoria de Sérgio Murilo Rodrigues, aborda as duas teses centrais de Carl Smith em *Politische Theologie* (1922) são: “soberano é quem decide sobre o estado de exceção” e “todos os conceitos expressivos da doutrina do Estado moderna são conceitos teológicos secularizados”. **Religião e Religiosidade entre os Imigrantes Japoneses no Rio Grande Do Sul: Diálogos Culturais entre Brasil e Japão dos autores Tomoko Kimura Gaudioso e André Luis Ramos Soares**, o trabalho busca apresentar as adaptações, remanejamento e práticas religiosas percebidas entre os imigrantes japoneses residentes na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **Sujeito de Direitos Humanos, Sujeito da Cultura Hebraica e Sujeito em Alain Touraine: Interfaces, o autor** Noli Bernardoahn procura-se demonstrar interfaces possíveis entre a compreensão de Alain Touraine sobre sujeito e ator/atriz social, o sujeito profético da cultura hebraica, especificamente a partir do livro bíblico de Miquéias 3,8, e o sujeito de direitos humanos, compreendendo-o situado espacial e temporalmente. No artigo **UMA PERSPECTIVA PARA A TEOLOGIA DA SAÚDE NO CONTEXTO DA CAPELANIA HOSPITALAR**, o autor Rômulo Anderson Matias Ferreira, investiga a relação íntima com a corporeidade até o ponto de não poder prescindir dela. A partir da definição de saúde pela Organização Mundial de Saúde, é cada vez mais pacífico que a saúde é uma realidade multidimensional, fazendo surgir a necessidade de compreensão dos aspectos que a compõem.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	10
“VIM PARA SOFRER AS INFLUÊNCIAS DO TEMPO / E PARA AFIRMAR O PRINCÍPIO ETERNO DE ONDE VIM”: A RESSIGNIFICAÇÃO DO SAGRADO EM MURILO MENDES	
Edson Munck Junior	
DOI 10.22533/at.ed.6811924011	
CAPÍTULO 2	17
A DOCTRINA DA SALVAÇÃO NO BRASIL E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E OS DIREITOS HUMANOS	
Claudete Ribeiro de Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.6811924012	
CAPÍTULO 3	28
A IMPRUDÊNCIA DE MOISÉS, UMA REFLEXÃO A PARTIR DE NÚMEROS 20.2-13	
Reginaldo Pereira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.6811924013	
CAPÍTULO 4	40
A INFLUÊNCIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA FORMAÇÃO DA VONTADE DO ESTADO BRASILEIRO E NA PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS	
Rosângela Angelin	
Maitê Alexandra Bakalarczyk Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.6811924014	
CAPÍTULO 5	56
A QUESTÃO FENOMÊNICA DA MORTE E A POSSIBILIDADE DE UMA FENOMENOLOGIA DO MORRER NAS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES	
Ana Cândida Vieira Henriques	
DOI 10.22533/at.ed.6811924015	
CAPÍTULO 6	69
ARRAIAS – TO E A FESTA DE NOSSA SENHORA DAS CANDEIAS: ASPECTOS HISTÓRICO-DEVOCIONAIS	
Joaquim Francisco Batista Resende	
DOI 10.22533/at.ed.6811924016	
CAPÍTULO 7	75
SENTIDOS PARA CONFISSÃO CATÓLICA NO DISCURSO DO PAPA FRANCISCO	
Heitor Messias Reimão de Melo	
Letícia Jovelina Storto	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.6811924017	
CAPÍTULO 8	86
CAMPANHAS DA FRATERNIDADE ECUMÊNICAS: ESPAÇO PARA A CONVIVÊNCIA ECUMÊNICA DE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS	
Luís Felipe Lobão de Souza Macário	
DOI 10.22533/at.ed.6811924018	

CAPÍTULO 9	95
DESCALÇA-TE, A TERRA É SAGRADA: A HERMENÊUTICA DE LUÍS DA CÂMARA CASCU DO NA HISTÓRIA BÍBLICA DO ÊXODO 3:5.	
Erielton de Souza Martins	
DOI 10.22533/at.ed.6811924019	
CAPÍTULO 10	102
HIBRIDISMO RELIGIOSO: AS TRADIÇÕES CATÓLICAS, AFRO-BRASILEIRAS E O ESPIRITISMO	
Eroflim João de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.68119240110	
CAPÍTULO 11	113
MORTE E MEDO: COMPREENDENDO A FINITUDE HUMANA A PARTIR DE LEVINAS	
Anderson Fernando Rodrigues Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.68119240111	
CAPÍTULO 12	121
O FILHO E O ESPÍRITO SANTO	
Aurea Marin Burocchi	
DOI 10.22533/at.ed.68119240112	
CAPÍTULO 13	137
O LIVRO DE ESTER: ANÁLISE DO LIVRO A PARTIR DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA COMPREENSÃO DA HISTÓRIA	
João Carlos Domingues dos Santos Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.68119240113	
CAPÍTULO 14	144
OS FUNDAMENTOS E MISSÃO DA PASTORAL DO MEIO AMBIENTE	
Ulysses Gusman Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.68119240114	
CAPÍTULO 15	153
RELIGIÃO E ESFERA PÚBLICA: OS RISCOS DA VIOLAÇÃO DE NEUTRALIDADE DO ESTADO LAICO	
Sérgio Murilo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.68119240115	
CAPÍTULO 16	160
RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE ENTRE OS IMIGRANTES JAPONESES NO RIO GRANDE DO SUL: DIÁLOGOS CULTURAIS ENTRE BRASIL E JAPÃO	
Tomoko Kimura Gaudioso	
André Luis Ramos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.68119240116	
CAPÍTULO 17	167
SUJEITO DE DIREITOS HUMANOS, SUJEITO DA CULTURA HEBRAICA E SUJEITO EM ALAIN TOURAINE: INTERFACES	
Noli Bernardo Hahn,	
DOI 10.22533/at.ed.68119240117	

CAPÍTULO 18	180
UMA PERSPECTIVA PARA A TEOLOGIA DA SAÚDE NO CONTEXTO DA CAPELANIA HOSPITALAR	
Rômulo Anderson Matias Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.68119240118	
SOBRE OS ORGANIZADORES	186

MORTE E MEDO: COMPREENDENDO A FINITUDE HUMANA A PARTIR DE LEVINAS

Anderson Fernando Rodrigues Mendes

Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

RESUMO: O presente trabalho pretende investigar a compreensão sobre a morte na filosofia de Emmanuel Levinas (1905-1995), bem como suas repercussões psicológicas próprias do evento do morrer, como, por exemplo, o medo e a angústia. A questão da morte sempre impressionou os seres humanos, levando-os a desenvolver várias propostas escatológicas e soteriológicas mundo a fora, distintas entre si a partir de características místicas e culturais. Na filosofia existem diferentes compreensões sobre a morte e, iremos nos ater aqui ao que o filósofo franco-lituano, Levinas, nos deixou como herança até os dias de hoje. O tempo da morte, seu mistério, seu caminho, seu total desconhecimento e, como não poderia deixar de citar, a proposta ética levinasiana diante da pessoa que está à beira da morte ou que já morreu – esses todos são temas circundantes ao tópico central deste trabalho, a finitude da vida. O objetivo desta pesquisa é desenvolver uma reflexão sobre a ética da alteridade a partir do itinerário proposto por Levinas sobre a morte do outro ao qual me relaciono – que sentido a morte do outro tem para mim? - sensibilizando-nos diante da tarefa de humanos cuidarem de humanos ou, ao menos, serem compassivos

com seus sofrimentos, nos voltando ao mandamento ético judaico do “*não matarás!*” ou, pelo menos, “*não me deixe morrer sozinho*”. Iniciaremos nossa reflexão sobre a morte do outro, em seguida sobre o apelo ético diante da morte e, por fim, o medo do desconhecido que se abre a partir da morte. Como metodologia, será utilizada como referência a bibliografia levinasiana, em especial Deus, a morte e o tempo (1993) e Totalidade e Infinito (1961), bem como de importantes estudiosos sobre a filosofia proposta por Levinas.

PALAVRAS-CHAVES: Levinas. Morte. Desconhecimento. Medo.

ABSTRACT: The present work intends to investigate the understanding about death in the philosophy of Emmanuel Levinas (1905-1995), as well as its psychological repercussions specific to the event of dying, such as fear and anguish. The question of death has always impressed human beings, leading them to develop various eschatological and soteriological proposals all across the world, distinguished from each other by mystical and cultural characteristics. In philosophy there are different understandings of death, and we will stick here on what the French-Lithuanian philosopher Levinas has left us as an inheritance to this day. The time of death, its mystery, its path, its total unfamiliarity and, as I could not fail to mention, the Levinasian

ethical proposal towards the person who is near death or who has already died - these are all subjects surrounding the central topic of this work, the finitude of life. The purpose of this research is to develop a reflection on the ethics of otherness from the itinerary proposed by Levinas on the death of the other to which I relate - what sense does the death of the other have for me? - sensitizing ourselves to the task of humans caring for humans or at least being compassionate with their sufferings, turning ourselves to the Jewish ethical commandment of “you shall not kill!” or at least “do not let me die alone.” We will begin our reflection on the death of the Other, then on the ethical appeal to death and, finally, the fear of the unknown that opens from death. As a methodology, the Levinasian bibliography will be used as reference, especially *God, death and time* (1993) and *Totality and Infinity* (1961), as well as important scholars’ works on the philosophy proposed by Levinas.

KEYWORDS: Levinas. Death. Unfamiliarity. Fear.

1 | INTRODUÇÃO

Na obra *Deus, a morte e o tempo* (1996) temos disponível o pensamento de Levinas sobre a morte e, ironicamente ou não, a referida obra foi desenvolvida anos antes de morrer. A primeira coisa que podemos apontar na reflexão levinasiana sobre o evento da morte é que de forma alguma podemos nos desviar dela, ela é irreversível, totalmente fora do nosso alcance. Mas também podemos ressaltar que ela é paciência, aquela paciência que se estende pelo tempo, a possibilidade de um encontro cara a cara com a morte é um evento diário, existe desde sempre até sua chegada (DMT, p. 18).

No entanto, se tentarmos buscar algum conhecimento sobre a morte, acharemos tais explicações através na linguagem como sendo o primeiro fornecedor desse conhecer, isso mediante os ditos, provérbios, frases poéticas e religiosas. Entretanto, segundo Levinas, o que conhecemos sobre esse momento último é derivado do conhecimento empírico (DMT, p. 19). Para Levinas a morte é mistério e, justamente, esse mistério é que determina a ameaça, pois ela se aproxima em um tempo que desconheço completamente, se aproxima sem deixar qualquer alternativa de luta e, se mostra como um oponente que não faço ideia de quem seja, por isso não posso exercer nenhum poder sobre ela (TI, p. 231).

Levinas aponta para uma negatividade na morte devido ao seu total desconhecimento. Tanto para quem não deseja, mas também para quem anseia morrer, ambos trazem a negatividade que o anonimato da morte carrega. A quem não deseja a morte aparece-lhe como desespero desconhecido e a quem a anseia como solução desconhecida. Entretanto, onde a morte se mostra como negatividade? Levinas afirma que é na morte do outro que compreendo a morte e seu caráter negativo, o da aniquilação (DMT, p. 19).

O próprio Levinas interroga-nos sobre o que é a morte. Ele mesmo inicia a

reflexão afirmando que a morte é interrupção de comportamentos, o fim de movimentos expressivos e de comportamentos, de processos biológicos. A doença já é um distanciamento de tanto os movimentos expressivos quanto os movimentos biológicos. Alguém que morre, perde ambos os movimentos, silencia as expressões do rosto, mas que de forma alguma finda o relacionar-se comigo, pois apesar de ser minha morte, o rosto da outra pessoa, em total silêncio, insiste em falar-me (*ibid*, p. 22-23).

2 | A MORTE DO OUTRO: O MISTÉRIO DO SILÊNCIO E DO DESCONHECIDO

A morte é partida, porém uma partida que não deixa nenhuma informação de direção ou retorno, em suma, uma partida para o desconhecido. Como foi falado antes, Levinas compreende a morte como aniquilamento e sua negatividade, aniquilamento do ser que antes gozava de um status existencial próprio e, com o fim da vida, é destituído de tal. Quem vive é um ser, uma pessoa, um alguém, porém depois da morte, tudo isso parece não ter mais sentido: ser, pessoa, alguém. O status existencial desaparece e aquele que antes vivia passa a ser denominado por morto, moribundo, corpo – que em breve o processo de decomposição o fará desaparecer. A morte e seu caráter aniquilador negam esse status de ser da pessoa que antes vivia (DMT, p. 20).

Para Levinas, compreende-se a finitude da vida a partir da relação que se estabelece com o morrer de outra pessoa, constituída pelas repercussões emocionais e intelectuais do conhecimento da morte do outro. Diante do morrer dos demais, passa-se a refletir sobre ela mediante a relação entre quem vê e quem está morto. Pode-se passar a compreender sobre todo o significado emocional e o que seja a morte através das consequências que tal evento fúnebre atinge ao observador.

Então, em que sentido pode-se estabelecer relação com a morte de alguém? Segundo Levinas, através dos impactos que a morte da outra pessoa me causa. É um exibir-se, um expressar-se, mesmo sem mobilidade em seu rosto ou qualquer movimento biológico, a outra pessoa morta não para de se relacionar comigo. Esse relacionar-se é intriga ética, que me envolve num dilema de resposta igualmente ética. Levinas afirma:

O morrer, como morrer do outro, afeta a minha identidade como Eu, sua ruptura do Mesmo em meu Eu. Com o qual a minha relação com a morte dos outros não é nem unicamente conhecido de segunda mão, nem experiência privilegiada da morte (*ibid*, p. 24).

A morte é um relacionar-se ético e entre a pessoa diante de alguém que antes vivia e o outro que agora está morto. O afetar-me atinge até minha identidade como responsável por ele, mesmo que não tenha provocado sua morte, essa responsabilidade pelo outro morto, constitui minha relação com sua morte (*ibid*, p. 23).

3 | APELO ÉTICO DIANTE DA MORTE: “NÃO MATARÁS!” OU “NÃO O DEIXE MORRER SOZINHO”

Já vimos que a morte da outra pessoa atinge a minha identidade como responsável por ela. Levinas é um filósofo da ética, da alteridade, ou ainda, da responsabilidade por. Nesse sentido, o autor nos leva também a pensar sobre o morrer. O rosto da pessoa que morreu continua a falar comigo e, pedindo para não abandoná-lo naquele momento de luto. Alguém que está diante de seu assassino interpela, no rosto, pelo mandamento ético que é expressão original da face: “não matarás!”. A angústia expressa pelo rosto de quem está diante da sua morte não é puro egoísmo, mas como solidão, medo da chegada do própria fim de sua vida (NUNES, 1993, p. 155).

Levinas não pretende seguir o caminho ontológico da conformidade da morte, mas da existência de um sentido no morrer. Esse sentido é dado em uma estrutura social. O sentido da finitude é escancarado diante da morte de outra pessoa, a sua relação ética se faz presente no envolvimento entre os que vivem e entre quem está morto diante de outro que o observa. Um fato é importante retomarmos. Ao falarmos, a partir de Levinas, sobre a responsabilidade interpelada pelo rosto do outro que está morto, se quer dizer que a morte tem seu sentido maior na relação humana. Não se pode esquivar de tal apelo ético, a responsabilidade pela outra pessoa não permite respondermos ao mesmo com frieza diante de sua morte, ou deixá-lo morrer sozinho, ou abandoná-lo na solidão da angústia de sua morte (*ibid*, 1993, p. 156-159).

Segundo Levinas, existe tanto a positividade na morte quanto a negatividade. A negatividade está no ódio ou no desejo de morrer (DMT, p. 19). Se falarmos nesse sentido negativo estamos falando no ódio ou no homicídio, então, se não se respeitar a expressão do mandamento aberto pela minha relação com o rosto do outro: “não matarás!”, logo, tirar a vida de uma pessoa colocar-se-á em cheque não apenas minha identidade como responsável, mas também toda a compreensão de positividade na morte. Não apenas, “não matarás!”, mas também “não deixá-lo morrer sozinho”, como interpelação ética do rosto diante de assassinato ou diante de alguém que morre abandonado (SIERRA, 2009, p. 97).

Na morte, aquele que antes existia é mergulhado na imobilização da mobilidade do rosto (DMT, p. 25), visto que a rosto que se expressa é a característica evidente daquele que vive, por isso, estando morto toda a sua expressão visível é silenciada e sua imobilidade caracteriza-se por um silêncio angustiante que continua a atingir-me em minha própria identidade.

O rosto quando está imóvel na morte, ou seja, silenciada toda a sua expressão que era comum enquanto vivia não finda a comunicação entre os que o observam. O silêncio a que foi submetido o rosto daquele que morreu afeta-os em sua identidade e emoção, continua falando até quando morre. É diante do rosto do Outro que sou levado eticamente a renunciar meu egoísmo e individualismo, caindo em mim mesmo e respondendo aos apelos éticos do rosto da outra pessoa. Essa relação que se

estabelece entre a morte do meu próximo, Levinas afirma:

[...] é uma relação puramente emocional, que move com uma emoção não produzida pela repercussão, em nossa sensibilidade e nosso intelecto, de um saber prévio. É uma emoção, um movimento, uma preocupação no desconhecido (*ibid*, p. 27)

É no Fédon de Platão que Levinas irá exemplificar a morte como nudez de todos os véus, quando Sócrates morto é pranteado excessivamente por Apolodoro. Nele, a morte é reconhecida como o próprio resplendor do ser, visto que o ser apenas evidencia sua divindade com o fim de sua corporeidade. Sócrates continua visível e, nela, a repercussão emocional não se esgota (*ibid*, p. 29).

4 | MEDO DO DESCONHECIDO: DE ONDE VEM E PARA ONDE A MORTE NOS LEVA?

Primeiramente, de onde vem toda a emoção diante da morte segundo Levinas? Ele nos leva a refletir se a fonte da emoção no evento do morrer não está na inquietante aproximação do fim da vida. De antemão, podemos afirmar que esse mesmo questionamento não se apresenta como resposta e sim como pergunta. Pergunta essa que se relaciona com a morte do outro e com o medo do desconhecido, por outro lado, também é responsabilidade e compaixão pela outra pessoa. Enfaticamente, o desconhecimento e a inquietude pelo qual se questiona sobre a morte não podem, de forma alguma, tornarem-se respostas (DMT, p. 28).

É, porém, no andar da morte sem poder atrasá-lo que se tem a ideia de seu movimento de aproximação. Em vista disso, o melhor seria não conhecer sobre minha morte ou não pensar a respeito? Parece-nos que quanto mais se sabe sobre ela mais parece estar por todas as partes. Se tenho conhecimento da morte no morrer das demais pessoas, então é na morte do outro que passo a temê-la? Levinas nos lança a proposta: *minha morte não se deduz por analogia da morte dos outros; inscreve-se, isso sim, no medo que posso ter para o meu ser* (TI, p. 230).

Quanto mais penso que tenho pouco tempo mais parece que esse avanço medonho me amedronta. Não há possibilidade de adiar, simplesmente vem, de onde não sei e para onde muito menos. Um silêncio que aumenta a inquietação: Quando? Onde? Como acontecerá? De nada sei e isso angustia. Quanto mais se tem medo, mais ele parece se aproximar. Levinas diz:

O “conhecimento” do ameaçador antecede toda a experiência racionalizada sobre a morte de outrem – o que, em linguagem naturalista, se exprime como conhecimento instintivo da morte. Não é o saber da morte que define a ameaça, é na iminência da morte, no seu irreduzível movimento de aproximação, que originalmente consiste a ameaça, que se profere e se articula, se assim podemos exprimir-nos, o “saber da morte”. O medo mede esse movimento (*ibid*, p. 230).

A imprevisão da morte se justifica de seu completo desconhecimento do lado de onde ela vem. Ela não pode ser encontrada em nenhum lugar, ao mesmo tempo que, ela está por todas as partes. Não se pode dominá-la ou antecipar-se a ela. Simplesmente vem apanha-me de surpresa sem me deixar a opção de luta, pois lutando poderia ao menos tentar apoderar-me daquilo que tentou me agarrar. Pelo contrário, na morte estou totalmente exposto a ela, não posso defender-me (TI, p. 230-231).

No entanto, a morte trilha algum caminho que de modo algum posso conhecer. Levinas afirma: *A morte ameaça-me do além. O desconhecido que faz medo, o silêncio dos espaços infinitos que assusta [...] (ibid, p. 231)*. E quando será? Hoje? Amanhã? Daqui a cinquenta anos? Simplesmente, não se sabe. Não podemos apreender o conhecimento do instante da morte, também é pleno mistério. O autor diz:

a minha morte vem num instante sobre o qual, sob nenhuma forma, posso exercer o meu poder. [...] A morte é uma ameaça que se aproxima de mim como um mistério; o seu segredo determina-a – ela aproxima-se sem poder ser assumida, de maneira que o tempo que me separa da minha morte, ao mesmo tempo diminui e não deixa de diminuir [...] (ibid, 232).

Da mesma forma que podemos achar que a morte logo chegará, também podemos perceber que ela até agora não chegou. Para Levinas, a chegada da morte tanto é ameaça quanto é adiamento. Um ser temporal é também um ser para a morte e, também, ter um pouco mais de tempo, daí ser contra a morte. Apesar de momentos achar que a morte está distante e em outros que está perto, Levinas afirma que: *No medo, a morte é ainda futura, à distância de nós (ibid, p. 236)*. E, na ambiguidade dos que querem a morte e os que rejeitam-na, as incertezas do que vem além do morrer se fundam no “cá-embaixo”, o nada ou recomeço?

[...] a morte continua a ser dramática para o candidato ao suicídio e para o crente. Deus chamo-nos sempre demasiado cedo pra Ele. Queremos o cá embaixo. No horror do desconhecimento radical a que a morte conduz, atesta-se o limite da negatividade (ibid, p. 237-238).

A viagem que se abre para o desconhecido é caracterizada pela sua própria interrogação devido à falta de dados, não se apresenta como resposta. O fim é, para Levinas, a pergunta e não a consciência ou a compreensão, mas uma pergunta que se apresenta distinta de todas as perguntas. Para o autor, a minha morte se descreve como angústia que, por sua vez, me leva a compreendê-la como nada, a partir dessa relação que se conserva a estrutura da compreensão de minha morte. Se a compreendermos como nada, então assimilamos toda a negatividade do morrer como angústia, como medo da morte. No entanto, em contraposição a Heidegger, Levinas não credita o fim da vida ao nada, morte é ruptura do tempo, diacronia temporal (DMT, p. 25-26). Segundo, o filósofo de Kaunas, compreender a morte como fim não poderia

medir todo o seu alcance, mas, tal alcance pode ser atingido na conversão de sua compreensão como final para responsabilidade intransferível. Ele mesmo assegura: *Sou responsável pela morte do outro até ao ponto de me incluir em sua morte [...] Sou responsável pelo outro na medida em que é mortal. A morte do outro é a primeira morte (ibid, p. 57).*

5 | CONCLUSÃO

Para Levinas, o estar diante da morte já é uma busca por sentido. Meu primeiro contato com a morte é a afetividade, ou melhor, meu ser emocionado diante da morte do Outro. Diante da morte do Outro, chego à consciência do tempo como paciência, como período que tenho que durar, pura passividade. Na filosofia levinasiana a morte é reflexão ética, relação ética por excelência.

Como não se pode assistir à própria morte, então, não sei nada sobre minha morte. A consciência da morte no olhar para o morrer da outra pessoa, e é, na experiência com o fim das expressões biológicas do Outro que chego à consciência de minha própria morte. O não saber sobre minha morte caracteriza a minha relação com a consciência entre mim e ela, ou seja, quanto menos conheço sobre minha morte – seu tempo, sua chegada, do que esteja após ela – mais me questiono a respeito do morrer.

Levinas discute sobre a ética como responsabilidade pelo Outro, como filosofia primeira. Até quando morre, o Outro continua a me interpelar por responsabilidade. O direito a vida sempre deve ser inviolável partindo da expressão bíblica do “não matarás” e do “amar ao próximo como a ti mesmo”. O eu é responsável pelo Outro até quando este morre.

É na morte do Outro, segundo Levinas, que tenho conhecimento do evento do morrer e que este faz parte do existir humano. Mas o apelo ético do Rosto do Outro que está morto suplica-me para que o Eu não o deixe morrer só. Em Levinas, a morte amedronta devido seu total anonimato. Quanto menos se sabe sobre a morte mais se tem medo dela. Principalmente porque não se sabe o tempo de sua chegada. Ela simplesmente vem e silencia todos os movimentos e expressões biológicas. A negatividade na morte se determina nesse silenciar autoritário do morrer, que se impõe sobre mim, não me deixando alguma chance de defesa, pois não se sabe de onde vem ou quando vem.

No entanto, Levinas nos leva ao exercício do pensar o ser além dele mesmo, ou seja, pensar em direção ao Outro. Viver é um contínuo relacionar-se com o Outro e, esse relacionar-se, exige responsabilidade para que de forma alguma o Eu venha violentá-lo. Em suma, o Eu sempre será responsável pelo Outro, até quando esse não vive mais, mediante as repercussões psicológicas de sua morte. Continuo me relacionando com o Rosto imóvel do Outro e que me afeta como todo o seu silêncio existencial e implorando-me para que não lhe abandone.

REFERÊNCIAS

BONAMIGO, Gilmar Francisco. Primeira observação à Obra de Emmanuel Levinas. **Síntese: Revista de Filosofia**. Belo Horizonte, v. 32, n. 102, p. 77-104. Jan/abr. 2005. Quadrimestral. ISSN 2176-9389.

HUTCHENS, B. C. **Compreender Levinas**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEVINAS, Emmanuel. **Deus, a morte e o tempo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

_____. **Totalidade e Infinito**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

MELO, Nélvio Vieira de. **A Ética da Alteridade em Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

NUNES, Etelvina Pires Lopes. **O outro e o Rosto, Problemas da Alteridade em Emmanuel Levinas**. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, 1993.

SIERRA, Manuel Losada. La muerte en el rostro del otro. **Revista Latinoamericana de Bioética**. Bogotá – Colômbia, v. 9, n. 1, Ed. 16, p. 94-101. Jan/Jun. 2009. Semestral. ISSN 1657-4702.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-068-1

